

Sérgio Lira e Isabel Ponce de Leão

Sérgio Lira: licenciatura em História e mestrado em História medieval; PhD em Museum Studies; docente universitário desde 1994; Professor Associado da UFP; coordenador de vários projectos de investigação. **Isabel Ponce de Leão:** licenciatura em Filologia românica; 3.º ciclo em Literatura Comparada; doutoramento em Literaturas Hispânicas. Professora Titular da UFP. A investigação desenvolve-se, fundamentalmente, no âmbito da Literatura Portuguesa Contemporânea e dos diálogos entre as diferentes artes de que dão conta inúmeras publicações. Membro efectivo do CIEC da Universidade de Coimbra.

MUSEU AGUSTINA BESSA-LUÍS

Sérgio Lira e Isabel Ponce de Leão

Resumo

Depois de uma primeira apresentação de ideias sobre a programação museológica de um eventual Museu acerca da obra de Agustina, que decorreu em Março de 2008 aquando de um evento realizado na UFP, organizado pela Professora Isabel Ponce de Leão e que comemorou os 60 anos de vida literária da Autora, entendemos oportuno iniciar um processo de investigação que conjugasse a vertente de projecto científico e as preocupações de implementação.

Tal projecto é o objecto desta comunicação, abordando as vertentes específicas da programação museológica, ainda não museográfica, e toda a investigação do âmbito da literatura que uma instituição museológica deste cariz necessariamente exige. Este é, aliás, um dos pontos que nos importa realçar: o cruzamento de duas disciplinas científicas distintas mas que, neste âmbito, concorrem para um resultado que julgamos do maior interesse e oportunidade. De facto, a obra de Agustina é um vasto território onde se cruzam e entrecruzam diversas possíveis análises e que merece, esperamos poder prova-lo de forma suficiente, um trabalho de museologia.

O que propomos trazer a este evento é, mais que uma proposta acabada, a partilha de um processo de investigação em curso, onde as competências específicas da literatura e da museologia desempenham papéis bem delimitados, essenciais e complementares. A definição das linguagens expositivas, a preparação do discurso

museológico, a análise literária, a exploração de uma obra tão vasta e tão rica como a da Autora são campos que nos parecem de interesse indiscutível. Defendemos que, na óptica de uma museologia contemporânea, um Museu como o que pretendemos propor deva ser um espaço de conhecimento da obra de Agustina, mas também um espaço aberto a muitas outras e diversificadas actividades. Em suma, o que propomos a este “Seminário de Investigação” é exactamente a partilha de uma investigação que decorre e que, esperamos, produzirá uma unidade museológica que falta no nosso panorama cultural.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís, Obra Literária, Programa Museológico, Projecto Museológico

Abstract

The first ideas about this museum project were presented during a Conference organised at University Fernando Pessoa, commemorating the Author's 60 years of literature. As the idea seemed interesting, and we received the Author's family support, we decided to move forward with a research project. This paper is the first step in that direction, connecting literature analysis and museological programming.

This paper is far from being a closed or final work: on the contrary it is more a proposition willing to share with the museological and scientific community our aims and goals. We intend to produce a museum about a literary work, not about a person. Agustina's work is vast and not as well known by the public as it could be. The museum's project, as presented in this paper, intends to present the work of the Author analysing its main brilliant aspects but also connecting Agustina's literature with other Arts, opening the museum to all artistic expressions.

Keywords: Agustina Bessa-Luís, Works of Literature, Museological Programme, Museological Project

A fase embrionária em que se encontra o projecto “Museu Agustina Bessa-Luís” aproxima-nos muito mais de uma etapa de questionação que, propriamente de respostas seguras. Queremos, contudo, aqui relevar algumas preocupações que subjazem ao dito projecto e que serão objecto de uma aturada investigação. Qualquer projecto museológico implica a passagem de um testemunho cultural, ainda que, o que aqui pretendamos não seja a evocação de um passado – mesmo que tal possa acontecer – outrossim o incentivo à fantasia e à criatividade do momento presente, motivados por um texto vivo. cremos, contudo, que “Cultural heritage [...] represents what past generations pass to the future ones, in a view totally compliant with sustainable development principals” (Lira 2009, p. 3). O museu que aqui propomos não é uma recolha de manuscritos, primeiras edições ou objectos pessoais de Agustina Bessa-Luís – ainda que também possam existir – é sim uma exposição da sua obra que sugira, a quem o visita, uma renovação conceptual de movimentos estéticos e históricos, que obviem a instauração de vínculos com o presente, através de releituras várias e dinâmicas, não só dependentes da enciclopédia cultural de cada visitante-leitor, como também da forma como nós a consigamos presentificar. Rejeitamos assim, explicitamente, o conceito de “casa-museu” e, sem entrar na discussão dos méritos ou deméritos de tal solução museológica, afirmamos não ser essa a ideia que subjaz ao projecto que agora desenvolvemos. Não se trata de uma unidade museológica acerca de uma pessoa, mas sim de um museu acerca de uma obra.

Um museu de literatura, sim, literatura enquanto extensão viva do corpo da memória que não caiba em arquivos ou molduras antes se alargue a um panorama vivencial e se vá alterando de acordo com a perspectiva de quem o visita. Um museu vivo, portanto, que viaje entre o abstracto e o concreto, o material e o imaterial, o real e o virtual, a vida e a ficção; que descreva um movimento contínuo de sensações, sentimentos e intuições; que demonstre que a vida está no invisível, no intangível, no espiritual; que através de memórias construa identidades; que seja, por fim, um incentivo ao combate à morte espiritual presentificado no jogo dialéctico de presenças e ausências que a Nobel de 1996, Wislewa Szymborka tão bem insinua em “Museu” (Navd e Siewierski 1995, p. 32):

Há pratos, mas falta apetite.
Há alianças, mas falta reciprocidade
Pelo menos desde há 300 anos.
Há o leque – onde os rubores?
Há espadas – onde há ira?
E o alaude nem tange a hora gris.
Por falta de eternidade juntaram
Dez mil coisas velhas.

Um guarda musgoso cochila docemente
Com os bigodes caindo sobre a vitrine.
Metais, barro, pluma de ave
Triunfam silenciosamente no tempo.
Apenas um alfinete da galhadeira do Egipto
Ri zombeteiro.
A coroa deixou passar a cabeça.
A mão perdeu a luva.
A bota direita prevaleceu sobre a perna.
Quanto a mim, vivo, acreditem por favor.
Minha corrida com o vestido continua
E que resistência tem ele!
E como ele gostaria de sobreviver!

O que pretendemos do museu Agustina Bessa-Luís é que ele não seja estático, que os seus guardas não cochilem – podem mesmo nem existir –, que não tenha coroas mas tenha cabeças, que não tenha luvas ou botas mas que permaneçam as mãos e os pés em contínuo movimento e que, antes de tudo, esteja ao serviço da vida e da humanidade num clima de reciprocidade que liberte toda a obra da autora da cela prosaica dos acervos empoeirados.

Para atingirmos o nosso objectivo, desenvolveremos uma profunda investigação sobre a obra completa da autora, seguindo a novíssima edição Opera Omnia, que está a ser publicada pela Editora Guimarães.

Naturalmente que a obra completa de Agustina começa por nos levantar a problemática dos géneros literários. Ainda que sejamos avessos a rótulos reguladores – e muito mais o é a obra da autora – por uma questão de sistematização teremos que recorrer a determinadas conceptualizações e nomenclaturas normativas ainda que, posteriormente, sejam desconstruídas. Seguiremos, aqui uma perspectiva mais crociana dos géneros literários, sem nunca esquecermos que a sua conceptualização é indispensável à elaboração de uma história literária e sócio-cultural reveladora da arbitrariedade dos modos e modas de fazer literatura. Aceitamos, pois, que a dita conceptualização pode instituir “um elemento instrumentalmente fecundo e cómodo na sistematização da história literária, mas permanecerá sempre um elemento extrínseco à essência da poesia e à problemática do juízo estético”. (Silva 1982, p. 361). Não descuraremos, sobretudo no caso da obra agustiniana, os processos simbióticos de amplitudes várias que implicam o hibridismo textual.

Por enquanto – e sem qualquer preocupação na distinção de modos, géneros e subgéneros literários – faremos, por questões pragmáticas, a seguinte

sistematização¹: ficção, teatro, escrita do eu, ensaio e crónica. Naturalmente que, à medida que o nosso estudo for avançando, questionaremos esta sistematização que se pode tornar desadequada ao projecto em causa. De facto, a obra de Agustina porventura mais divulgada é a ficcional, mas a riqueza da sua ficção convoca a história e a memória, através de uma escrita aforística que imerge na realidade teatralizada pela ambiguidade das entidades ficcionais.

As análises que propomos serão sobretudo não normativas uma vez que é nossa preocupação primeira a vivência, construção e desconstrução da obra por um público maioritariamente leigo, que pretendemos se torne elemento activo do processo ficcional. Quer dizer, qualquer análise que façamos terá sempre em conta os potenciais destinatários, cujas características irão sendo oportunamente (re) definidas².

Privilegiaremos, naturalmente, os temas e motivos presentificados na obra e a diversidade linguística que ela configura.

Estudaremos os temas numa perspectiva tomachevskiana, seja, enquanto unidades fundadas pelos componentes particulares da obra, que equacionaremos com problemas universais da cultura. Interessa-nos, sobretudo, relevar que a universalidade temática (o amor, a morte, a perfídia, o feminino...) da obra de Agustina é permissiva a uma constante actualização, não só pelos sistemas de desenvolvimento interno usados, como também pela preocupação manifesta com o potencial consumidor.

Quanto aos motivos, mesmo se representando funções³ diferentes, servirão e concretizarão os temas. Seja, quedamo-nos, mais uma vez com Tomachevski e consideramo-los um elemento parcial do material temático que, interagindo em termos cronológicos ou de causa / efeito, se instituem elementos estruturantes da obra. A distinção entre motivos estáticos e dinâmicos ajudará a revelar as idiosincrasias da escrita agustiniana.

1 *Afastamo-nos, conscientemente das conceptualizações de Platão, Aristóteles, Horácio, Diomedes, ou, mais recentemente, dos formalistas russos e dos críticos de Chicago, para seguirmos uma via facilitadora para o grande público, perseguindo, como perseguimos o objectivo da criação de um museu vivo, logo acessível a todos. Cremos a sistematização feita elemento facilitador.*

2 *Não descartamos a hipótese de encomendar uma pesquisa de opinião ainda que, obviamente, o saber de especialistas seja sempre levado em alta conta. Naturalmente que um dos objectivos deste projecto é ensinar a aprender, como tal não se baseará nunca tão só em ocasionais empirismos, embora os tenha em linha de conta.*

3 *As funções são, segundo Propp, moldes canónicas imutáveis que subjazem à diversidade dos motivos. A mesma função pode estar expressa pelos mesmos ou por diferentes motivos ao longo da obra. Ainda que se afaste da teoria formalista de Tomachevski e do conceito de função de Bremond, Propp agilizou os posteriores estudos de Roland Barthes que distinguiu na narrativa três níveis descritivos: funções, acções e narração no sentido genettiano do termo. Desenvolveremos ou não esta componente teórica em função das necessidades que o rumo da investigação reclamar.*

O aspecto linguístico será observado com particular acuidade uma vez que é elemento caracterizador de ambientes físicos e sociais bem como das próprias personagens e, simultaneamente, deles depende. Há como que uma “sagração da palavra como totalidade dum imaginário cósmico [...] e, paralelamente, o seu sentido enigmático, o seu significado nunca resolvido, a sua ambiguidade, ou antes, a sua [...] poética do inacabado” (Machado in Ponce de Leão 2009, p. 23). Para a tentarmos desvendar, passaremos por Saussure, Jakobson e Chomsky, mas deter-nos-emos na linguística aplicada e, pontualmente, na linguística histórica. Naturalmente que, na senda de Peter Hartmann, faremos a ponte entre as linguísticas frásica e a textual.

Partindo destes pressupostos – que se irão alterando e aumentando no desenrolar da investigação – cabe-nos agora salientarmos numa perspectiva de transversalidade⁴, os pontos mais relevantes da obra agustiniana que estarão na génese de espaços museográficos⁵.

Reflectir-se-á sobre o papel do masculino e a sua interacção com o feminino. É consabido que, na escrita agustiniana, o homem tem sempre um papel secundário, tornando-se, contudo, elemento imprescindível à mulher. Independente, autónoma, fria ou calculista, assumindo-se como dominadora, esta conserva sempre, porque quer conservar, uma consentida dependência afectiva do elemento masculino. A sua cultivada perfídia é muitas vezes produto de uma intuição inata. Com ela persegue os seus objectivos numa atitude feminina que não feminista, muitas vezes conluiada com uma “aristocracia *ab imo*”⁶. Este aspecto torna-se extraordinariamente interessante numa obra que faz da mulher um elemento estruturante mas, paradoxalmente, nunca inteiramente desvendável. Queremos com isto dizer que a mulher de Agustina está envolta num véu de mistério que, mesmo se primitivo e primário, nunca obvia o total desvendamento. Esta característica institui-se elemento preponderante neste projecto museológico, porque abrirá perspectivas a criações de outras realidades, e será elemento abonatório da construção e desconstrução do papel feminino na sociedade actual.

A criação de estereótipos sociais interessa-nos particularmente porque, em

4 *Insistimos na transversalidade porque não é nosso propósito um estudo isolado de cada obra de Agustina, outrossim um estudo do seu magnífico macrotexto e das grandes linhas genológicas temáticas e estilísticas que o atravessam. Naturalmente que as análises genotextual e fenotextual serão levadas em conta, ainda que apenas se destinem a viabilizar o produto final que perseguimos.*

5 *Nunca será demais insistir no carácter provisório deste levantamento. De resto, partindo da noção de museu vivo e dinâmico, tudo terá sempre um carácter provisório porque aberto a contributos dos seus frequentadores tornados também actores.*

6 *Expressão utilizada pela autora em A Sibila que aqui citamos de cor.*

Agustina, eles pertencem a todas as classes dando uma visão holística da sociedade portuguesa. Reflectindo o quotidiano, apoderam-se de um carácter ritualista determinante de costumes, circunstâncias e ambientes projectados em múltiplos cenários.

Os ambientes agustinianos presentificam-se em todas as sinestésicas, quer dizer, cores, texturas, sons indiciam-se através de uma pluridiscursividade que pretende, antes de mais, estabelecer um rígido pacto com a vida.

O tempo proustiano é elemento corroborador de estados caóticos, e também contribui para que as personagens, “fujindo” do mundo possível da ficção, ganhem autonomia, instalando-se numa realidade interactiva passado / presente. Insistimos, por tal, na transversalidade. A personagem agustiniana não se circunscreve ao universo do romance que a gerou, antes deambula pelo tal macrotexto a que atrás aludimos, numa total independência que as diferentes roupagens lhe permitem.

Toda esta parafernália de situações – e muitas mais que ficam por referir, entre as quais não será despidendo apontar o tumultuoso e sistemático mundo metafórico marcado por um certo esoterismo – faz com que, inevitavelmente, persigamos os diálogos possíveis que a obra de Agustina mantém com as de Camilo, Raul Brandão, Sá-Carneiro, Dostoievski, Proust, Thomas Mann, Kierkegaard, Flaubert ou qualquer outra que a subjectividade do visitante-leitor reivindique.

Procura-se, assim, um Museu aberto a várias visões e interpretações, centrado na obra de Agustina e dela fazendo mote para outros discursos possíveis, onde o programa museológico não coarte a liberdade do visitante. Deste modo, o programa museológico que vimos construindo assenta, nesta fase da evolução do projecto⁷, em áreas expositivas abrangentes, onde pretendemos possibilitar a exploração de algumas das mais significativas facetas da obra da Autora. Apresentamos muito brevemente cada uma delas:

1ª Área Expositiva: “Costumes, circunstâncias e discursos”. A obra de Agustina apresenta costumes, criando circunstâncias em que personagens geram discursos mais ou menos interpretativos, mas sempre lúcidos e incisivos. Na obra de Agustina, os costumes, as circunstâncias e os discursos raras vezes são amenos e esta será a introdução que o Museu fará à obra da Autora⁸.

7 Do ponto de vista da planificação do projecto tomámos em conta o exposto por Lord & Lord (1999), especialmente páginas 8-11 e 155-167 e também o explanado por Carlos Rico (2006, pp 125-207)

8 Seguindo as lições de Serrell (1996) entendemos que a primeira mensagem de uma exposição deve ser marcante do tom e do nível interpretativo. Nesta Área o visitante será imediatamente conduzido ao ambiente agustiniano e absorverá, de imediato, alguma da agrura presente na obra da Autora.

2ª Área Expositiva: “Épocas e Personagens”. Aqui o visitante será apresentado às personagens, e às épocas em que Agustina as faz movimentar. Excertos de obras, dramatização, recriação de cenários, falas... um mundo imaginado pela Autora, onde o visitante pode descobrir como as personagens de Agustina foram construídas e para que efeitos foram criadas.

3ª Área Expositiva: “Mulheres (e Homens)”. São os que povoam a escrita de Agustina. Mulheres primeiro, esmiuçadas, desnudadas e retalhadas até uma profundidade de alma e de comportamento que apenas a maturidade compreende – e nem sempre. E em contraponto, os Homens, que Agustina desenha a traços mais largos, de que não conhece os interstícios do Ser como conhece das Mulheres – ou que não exprime. “Mulheres (e Homens)” será um espaço em que os objectos expositivos por excelência serão retalhos incorpóreos de compreensão do que são os seres humanos⁹.

4ª Área Expositiva: “Estereótipos Sociais”. Aqui será representado o que se aceita sem pensar (muito); que se impõe sem entraves (significativos); o que nos rodeia sem que possamos ter oportunidade de reflectir (profundamente) a não ser quando um livro especial nos remete directamente para esse universo de análise, de consciência por vezes dolorosa do papel que desempenhamos sem querer ou sem saber. Este será um espaço desagradável, inconformista, agressivo, que confrontará o visitante com o que “é” socialmente, mesmo quando é mais confortável não o saber.

5ª Área Expositiva: “Reflexos do(s) quotidiano(s)”. Nesta área estará o comezinho, o que nos parece banal e comum, da vida de todos os dias, mas que encerra significados e interpretações interessantes. Agustina traça esses quadros com mão de mestre ao longo das suas obras e a sua transposição para sala expositiva exige uma análise aprofundada da obra e das passagens a empregar. Serão espaços museológicos com uma forte potencialidade de mudança, porque os quotidianos são efémeros.

6ª Área Expositiva: “Perfídia”. Aqui serão tratados os traços da perfídia humana que a Autora inclui em muitos dos seus textos e análises. A agudeza da análise, e a crueza das pessoas e das situações, revestem-se na escrita de Agustina de uma especial importância, sendo a perfídia (feminina, mas também masculina) uma cor que emerge de muitas páginas.

9 Poder-se-á argumentar que esta área é, na sua essência, uma área de adultos. De facto assim é, para uma compreensão e utilização profundas deste momento da exposição. No entanto, será também válido afirmar que nem todos os visitantes em idade adulta terão experiência de vida que lhes permita colher todas as facetas desta parte da obra de Agustina. Dependerá, assim, da técnica e do discurso museográfico o abrir da utilização deste espaço a todas as faixas etárias (quer físicas quer de desenvolvimento interior). Para estes aspectos seguimos as lições de Falk & Dierking (2000, pp 135-148).

7ª Área Expositiva: “Cores e texturas”. As inúmeras referências de Agustina à arte, quer ao longo da obra de ficção quer quando a peças e a artistas se refere de maneira analítica ou interpretativa estarão presentes nesta área, reclamando ao visitante que se detenha e que tente absorver o imaginário artístico de Agustina, que perpassa a sua obra escrita.

8ª Área Expositiva: “Sons da vida”. Prevemos este como sendo o último ambiente museológico. A leitura da obra de Agustina está povoada de sons. Parece acertado deixar essa última impressão ao visitante do Museu, criando uma relação interactiva em que cada um possa ouvir, e expressar o que “ouveu”, ao ler Agustina.

Não se esgota, no entanto, nesta proposta de áreas expositivas o que vimos aventando para o Museu Agustina Bessa-Luís. Pelo contrário, entendemos que um Museu desta natureza deve ser um espaço aberto às mais diversificadas experiências culturais. A Obra da Autora, aliás, de forma explícita (mas também implícita) abre exactamente esse desafio, chamando para o âmbito da literatura outras artes. Nesta linha de pensamento, do programa museológico que para este Museu propomos constam áreas de experimentação, de *atelier*, de exposição temporária espontânea, de produção artística e de desenvolvimento criativo. Também no âmbito da educação não formal – conforme (entre outros) a já clássica referência de Pastor Homs (2004, pp 13-21) – entendemos dever o programa museológico agora em análise cumprir um papel fundamental: o de permitir, incentivar e fazer manter o acesso e o interesse a uma obra literária maior no âmbito das Letras nacionais. Não se substituiu, nem tem anseios de o fazer, o Museu à leitura; nem as paredes e os expositores de um Museu serão livros verticais. Mas pode o Museu facilitar um primeiro contacto, ou um contacto diferente, com a Obra de Agustina, através de experiências sensoriais, lúdicas, educativas, que transmitam conteúdos, emoções ou saberes que (eventualmente) para muitos não saíssem das páginas impressas. Neste sentido o Museu é assumido como um “interpretador”; não é um elemento anódino, pacífico e passivo. Pelo contrário, é um lugar político (Macdonald, 1998)¹⁰, de intervenção, onde os conteúdos e a forma de os comunicar formam um todo indestrinçável, com um sentido e um propósito.

Neste Museu as peças em exposição serão, por excelência, as produções literárias da Autora. No entanto, o seu tratamento museográfico (a que agora não dedicamos análise circunstanciada) há-de ser variado e criativo, não se quedando pela materialidade da “1ª edição” mas buscando nos objectos conceptuais o valor essencial da obra literária. A sequência de áreas expositivas acima proposta

10 Mas não, ao menos necessariamente, politicamente engajado.

aponta para alguns dos aspectos da obra de Agustina que julgamos mais ricos e interessantes, e com maior potencial interpretativo e, assim, museológico. Outros haverá, no entanto, que possam vir a ser incorporados no Museu – e por isso, deliberadamente, colocámos o registo deste texto no nível da proposta. Assim sendo, e como a obra da autora reclama, o Museu Agustina Bessa-Luís, por agora projecto museológico, será, antes de mais, um museu em construção, sistematicamente actualizável por todos quantos pretendam vivificar a obra da autora, conscientes de que “Culture is a part of knowledge, beliefs and behaviours peculiar to humans” (Lira 2009, p. 423).

Referências

- AA. VV. (1965). *Théorie de la Littérature*. Paris: Ed. du Seuil.
- AA. VV. (1973). *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Carlos Rico (2006). *Manual práctico de museología, museografía e técnicas expositivas*, Madrid: Sílex.
- Falk, John H. e Dierking, Lynn D. (2000). *Learning from Museums*, Walnut Creek: Altamira Press.
- Lira, S. *et alli* (2009). *Sharing Cultures 2009*, Barcelos: Green Lines Institute.
- Lord, Gail Dexter e Lord, Barry (eds.) (1999). *The Manual of Museum Planning*, London: The Stationery Office.
- Navd, J. e Siewierski, H. (org.). (1995). *Quatro Poetas Poloneses*. Curitiba: Secretaria de Cultura do Paraná.
- Macdonald, Sharon (ed.) (1998). *The Politics of Display*, London and New York: Routledge.
- Pastor Homs, Maria Immaculada (2004). *Pedagogía Museística*, Barcelona: Ariel.
- Ponce de Leão, I. (org.) (2009). *Estudos Agustinianos*, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Serrell, Beverly (1996). *Exhibit Labels. An Interpretive Approach*, London: Altamira Press.
- Silva, V. (1982). *Teoria da Literatura*, Coimbra: Livraria Almedina.